

O modelo de graus de estranheza de Bernhard Waldenfels, a exemplo de “Shakespeare no meio do mato”

Fernando Martins de Toledo¹

RESUMO

Em uma discussão acerca do estranho e próprio, o presente artigo se ocupa com a classificação proposta pelo filósofo Bernhard Waldenfels (1999) de graus de estranheza. Segundo ele, a estranheza é definida a partir de sua inacessibilidade, que igualmente se manifesta de diferentes formas. Apesar de ilustre nos estudos fenomenológicos contemporâneos da Alemanha, sua obra é minimamente abordada nos círculos acadêmicos brasileiros. Além de uma breve discussão sobre o papel do Eu e do Outro, pretende-se apresentar um recorte dos estudos de Waldenfels sobre a alteridade, porém de uma forma ilustrativa. Para isso, será utilizada a narrativa “Shakespeare no meio do mato”, de Laura Bohannon, de modo a exemplificar os graus de estranheza propostos por Waldenfels. A bibliografia utilizada é composta de textos em português e em alemão, tendo estes últimos sido traduzidos para o português e o original indicado em notas de rodapé, de modo a alimentar a discussão.

Palavras-chave: Bernhard Waldenfels. Graus de estranheza. *Fremdheit*. Alteridade.

1 SOBRE O CONCEITO DE ESTRANHEZA

1.1 Estranheza como desautomatização

Apesar da forte aproximação entre as culturas por meio da globalização e da mudança de perspectiva acerca da percepção do Outro em um mesmo espaço, as diferenças entre as culturas ainda se revelam como detentoras de determinados conjuntos de valores, normas e costumes que guiam sua orientação de e no mundo. Esta visão de mundo, filosoficamente elaborada em maiores detalhes durante o século XVIII, com a ascensão do Iluminismo na Europa, se baseia em uma ontologia que visa a definir o mundo com base no horizonte de um indivíduo ou de uma cultura. O próprio conceito de horizonte já propõe o ponto máximo de observação, este que se assemelha aos limites de cada cultura.

Considerando que o contato com o Outro se dá primeiramente por meio de sua percepção, as diferenças percebidas se baseiam em uma concepção pré-definida do Eu. O que é parte elementar do mundo do Eu é automaticamente previsto e considerado “normal”. A percepção se vincula, portanto, a uma concepção de automatismo, sobre a qual Chklovski (1984, p. 43-44), pensador do formalismo russo, afirma: “Se examinarmos as leis gerais da percepção, vemos que uma vez tornadas habituais, as ações tornam-se também automáticas. Assim, todos os nossos hábitos fogem para um meio inconsciente e automático.” O contato com o Outro causaria, portanto, uma *des*-automatização da percepção do indivíduo neste contato com o elemento estranho. A libertação desta percepção abre os olhos para

¹ Technische Universität Dortmund, Alemanha.

a pluralidade de concepções de existência de mundo que são refletidas nas diferentes culturas e abre caminhos para novas formas de compreensão. Ao ter seu cerne desautomatizado, o contato com a outra cultura se mostra como um choque e quebra de percepções que permite uma conscientização da própria cultura. Para a compreensão do Outro, mostra-se necessária, portanto, uma comparação entre as entidades envolvidas. Trata-se aqui de uma relação descritiva onde a percepção do que não é pertencente de Si – portanto, do Outro – indica o caminho a ser tomado no diálogo a ser desenvolvido. É durante o diálogo entre as culturas que a conscientização se manifesta, dado que ela é elemento crucial para a compreensão mútua. O diálogo, portanto, se baseia em uma problemática que eventualmente deverá levar a uma compreensão e aceitação. A literatura é um grande exemplo de diálogo que guia para a desautomatização da percepção, pois ela abre portas para novas formas de percepção de mundo. Leskovec (2011, p. 14), ao analisar a literatura como elemento de acesso ao Outro, afirma:

Através de sua desautomatização, a percepção pode ser, por um lado, renovada e perturbada; por outro lado, sucede-se uma conscientização multifacetada – a conscientização da construção de literatura, da percepção e do funcionamento de nosso meio. Por meio do “treino” da percepção e da atenção, dá-se uma sensibilização para a ocorrência do Outro, que pode se representar também como estranheza do discurso literário e não somente como aspecto temático. Além disso, o caráter indireto da literatura se refere à quebra de ordens, entremendo um conhecimento sobre pluralidade e contingência de ordens. O ato de conscientizar sobre a contingência exige, por um lado, uma relativização e uma apuração das perspectivas e, por outro lado, aceitação diante de outras possibilidades.

Por meio desta conscientização, encontramos paralelamente a dicotomia sobre o que é próprio e o que é estranho. No entanto, ao contrário do que comumente se pensa, o que é estranho (*fremd*) não somente é importante para o Eu, mas como é parte integral de sua construção, dado que para elucidar sua própria natureza, o Eu deve delimitar seu próprio domínio de atuação, suas próprias barreiras. No entanto, ao definir suas barreiras, ele exclui automaticamente aquilo que não lhe pertence, portanto, o que define o Outro. O Outro, por conseguinte, é a negação do Eu, que se definirá como o que o Eu não é, o que não lhe é inerente. O Outro, portanto, é um aspecto constituinte do Eu.

No entanto, compreender o Outro não é somente compreender o Eu, dado que a desautomatização é dicotomicamente realizada dentro de Si. Em outras palavras, compreender a relação entre os agentes envolvidos em uma relação intercultural é igualmente fundamental, pois o Outro e o Eu não são definidos somente a partir dos papéis que eles desenvolvem em um nível individual, assim como também por via da relação existente com o mundo que os cerca. Este nível de observação, um terceiro ângulo, é adquirido através de um distanciamento do indivíduo. Este distanciamento, que foi amplamente utilizado por Brecht em suas peças teatrais de modo a levar o espectador a ver como ele é retratado, se baseia em uma forma de desautomatização. Rosenfeld (2010, p. 152-153), ao dissecar o teatro brechtiano como forma didática, discorre sobre o efeito do distanciamento como essencial para uma compreensão que levará a uma ação crítica de compreensão tanto do Outro, de Si próprio e do ambiente cultural em que estão inseridos:

Para empreender é preciso compreender. Vendo as coisas sempre tal como elas são, elas se tornam corriqueiras, habituais e, por isso, incompreensíveis. [...] É preciso um novo movimento alienador – através do distanciamento – para que nós mesmos e a nossa situação se tornem objetos do nosso juízo crítico e para que, desta forma, possamos reencontrar e reentrar na posse das nossas virtualidades criativas e transformadoras. [...] O distanciamento

passa então a ser negação da negação; leva através do choque do não-conhecer ao choque do conhecer. [...] Tornar estranho é, portanto, ao mesmo tempo tornar conhecido. A função do distanciamento é a de se anular a si mesma.

Bernhard Waldenfels, professor emérito da Universidade de Ruhr-Bochum (Alemanha), considera o *fremd* como uma experiência do Eu, uma *Fremderfahrung*. Para Waldenfels (1999), a estranheza se caracteriza por sua inacessibilidade: “A experiência do estranho é e permanece uma forma de experiência, somente em uma forma paradoxal de uma inacessibilidade originária, uma presença ausente.” (WALDENFELS, 1999, p. 39) Waldenfels aponta para o fato de que somente é possível a categorização de uma manifestação como *fremd* por meio de uma recorrência àquilo que nos é familiar. Em outras palavras, somente nos é estranho aquilo que não nos é familiar, assim como somente nos é familiar aquilo que não nos é estranho. Esta dicotomia evidencia o caráter dependente do Outro para a constituição do Eu, tal como traça os limites que marcam o horizonte perceptivo de um indivíduo e/ou de uma cultura.

1.2 Graus de estranheza

Segundo Waldenfels, o domínio cultural representaria uma ordem (*Ordnung*) de formas de concepção de mundo. A ordem de um indivíduo é singular em sua essência, o que lhe garante um caráter particular e distintivo perante as outras ordens, porém em constante expansão resultante por meio do processo de encontro com o Outro. Waldenfels vê este encontro não como uma espécie de choque, mas sim como elemento fundamental para estimular uma responsividade (*Responsivität*) dos envolvidos.

No contato com o Outro, chama a atenção uma forma de *responsividade* que vai além de qualquer intencionalidade e regularidade do comportamento em forma de uma lógica de resposta própria que deixa sua distância a critério do Outro. Exigência e apelo implicam mais que intenção e regulamento de sentido. A exigência do Outro não tem nenhum sentido e ela não segue nenhuma regra, e sim o provoca a perturbar as relações de sentido e rompe sistemas normativos existentes. (WALDENFELS, 1999, p. 52, grifos do autor).

A estranheza surge a partir de uma relação responsiva do Eu diante de um fenômeno, experiência ou vivência e se ressalta por sua ausência em sua ordem. Apoiada em um princípio de inacessibilidade, Waldenfels desenvolve seu conceito de *Fremdheitsgrade*, os graus de estranheza, de modo a observar como esta responsividade se manifesta.

Intimamente ligada à inacessibilidade, esta classificação se baseia também nos esforços que o indivíduo deve ter para desconstruir o Outro, assim como desautomatizar a Si próprio. Caso esta desconstrução seja efetuada e a estranheza seja dissolvida, trata-se de uma *estranheza relacional*, dado que por via de uma relação de comparação com a própria ordem, o elemento estranho é desconstruído, aprendido ou mesmo absorvido. No entanto, caso esta estranheza não possa ser desconstruída ou mesmo dissolvida, fala-se aqui de uma *estranheza radical*.

Em primeira instância, a estranheza relacional é fruto do confronto do indivíduo para tornar familiar aquilo que lhe é estranho. Ela possui um caráter temporário e preliminar e pode ser dissolvida ou naturalizada de alguma forma. Quanto maior a presença de elementos familiares e conhecidos ao

Eu, maior e mais rápida será sua desconstrução e naturalização. No entanto, cabe ao Eu exigir de seus conhecimentos e capacidades, de modo a compreender o Outro e integrá-lo em seu horizonte individual. Estes conhecimentos e capacidades são adquiridos, entre outros meios, através do aprendizado, da observação e da leitura.

A estranheza relacional se subdivide em: *estranheza cotidiana* (ou *estranheza normal*) e *estranheza estrutural*. A estranheza cotidiana, *alltägliche Fremdheit*, é percebida como dentro da ordem de realidade ou do horizonte de familiaridade do indivíduo observante. Ela não é nem ameaçadora, nem exótica, ela se justifica e se destoa somente pelo fato de seu não-conhecimento e inexistência. Esta forma de estranhamento não causa nenhuma modificação de pensamentos, comportamento ou mesmo de estilo de vida do indivíduo. Esta estranheza possui este nome, pois no cotidiano o indivíduo se depara com elementos que não pertencem ao seu horizonte interpretativo:

Estranheza pode primeiramente aparecer como estranheza *cotidiana* e *normal* que permanece na respectiva ordem, tal como a estranheza entre vizinhos ou transeuntes, com os quais nós podemos nos entender de uma forma cotidiana. [...] Aqui, movemo-nos em um horizonte de familiaridade, mesmo que este sempre mostre lacunas. (WALDENFELS, 1999, p. 35-36, grifos do autor).

No que diz respeito ao segundo nível de estrutura relacional, a *estranheza estrutural* é o nível intermediário da classificação de Waldenfels, pois, ao contrário da estranheza cotidiana, a estranheza estrutural detém uma própria forma de organização. Ela se manifesta fora da ordem do Eu. É neste domínio que se localizam as línguas estrangeiras, outros complexos culturais, formas de comunicação, organização etc. Esta estranheza marca a existência de outro domínio de compreensão de mundo. O estranhamento surge quando o indivíduo percebe o efeito da não-realização de sua forma de comportamento e de agir perante uma determinada manifestação da cultura. Ao contrário da estranheza cotidiana, o papel não é facilmente assimilado, porém possível de ser aprendido, tal como é o caso de línguas estrangeiras:

A estranheza se intensifica com a incidência de uma estranheza *estrutural*, que afeta tudo aquilo que pode ser encontrado fora de uma determinada ordem, tal como é o caso de calendários festivos estrangeiros, a língua estrangeira que não entendemos, o ritual exótico ou mesmo somente a expressão de um sorriso, cujo sentido e função nos permanece obstruído, ou um espírito do tempo passado que não nos diz mais nada. (...) Caso olhemos para as ordens que afetam a vida na totalidade ao criarem um determinado mundo ou forma de vida, deparamo-nos com uma divisão do mundo em 'Heimwelt' [mundo-próprio] e 'Fremdwelt' [mundo-estranho]. (WALDENFELS, 1999, p. 36, grifos do autor).

O efeito da estranheza estrutural pode fazer com que o indivíduo tenha a sensação de fascínio e atração, assim como ele também pode se sentir, de certa forma, ameaçado. Somente a partir da consciência da existência do Outro é que o indivíduo pode conceber o Outro como parte de Si. A aproximação, dentro dos limiares de uma cultura diferente, se dá através do aprendizado da existência do Outro. Este processo de aprendizagem permite que os indivíduos, através de processos comparativos, percebam a existência de similaridades e diferenças, observando em que relação eles se encontram.

A segunda categoria, esta que por sua vez não apresenta subdivisões, é caracterizada por sua forma máxima de estranhamento. Waldenfels a chama de *estranheza radical* justamente pelo fato de, ao contrário da estranheza relacional, ela é em sua integridade inacessível. Conceber o Outro se mostra

como uma tarefa impossível. Cabe somente ao indivíduo observar e tentar se aproximar deste conceito, porém sua resolução e absorção se mostram inexecutáveis. Trata-se aqui de uma privação de Si perante o Outro. Quaisquer padrões de compreensão e de interpretação comuns ao indivíduo não são suficientes para adentrar os limites da compreensão de determinadas questões, pois estas se mostram como inacessíveis e inevitáveis.

A estranheza encontra sua incidência mais alta em uma forma *radical*. Esta afeta tudo aquilo que permanece fora de todas as ordens e nos confronta com acontecimentos que colocam em questão não somente uma interpretação, e sim a mera ‘possibilidade de interpretação’ [...]. Aqui pertencem fenômenos limítrofes como o Eros, o êxtase, o sono ou a morte, que rompem o curso das coisas e também as organizações espaciais e temporais, condensadas em um instante que resvala a inespacialidade e a atemporalidade. Ninguém jamais se sente em casa em seus sonhos, mesmo que eles o assolem repetidamente. [...] Seja dito de passagem, estranheza radical não deve ser confundida com estranheza absoluta ou total, pois tudo que é extra-Ordinário ainda se refere a determinadas ordens, sobre as quais se passa. [...] O estranho radical somente pode ser concebido como excedente, como excesso que ultrapassa um horizonte existente de significação. (WALDENFELS, 1999, p. 36-37, grifos do autor).

Apesar de inacessível e desprovida de uma resolução, a estranheza radical do Outro se mostra como presente no Eu. Análoga ao subconsciente humano, a estranheza radical define também o Outro, este que é elemento fundamental na constituição do Eu. Sem a existência do Outro como forma de relação para os limites e domínios do Eu, o Eu não se realiza. Portanto, a existência de um indivíduo só é garantida quando há a coexistência do Outro, mesmo que uma relação de comparação e sobreposição de valores e concepções de realidade inexista. O conceito de morte é, como Waldenfels aponta acima, um exemplo de uma estranheza radical, dado que ela é inerente ao ser humano, porém seu acesso direto é impossível, sendo, assim, um fenômeno que ultrapassa os limites da compreensão e se mostra como algo incontrolável e inevitável – um hiper-fenômeno, como ele também propõe (WALDENFELS, 1999, p. 78). De forma resumida, podemos observar os níveis de estranhamento no quadro 1:

Quadro 1 – Esquema ilustrativo dos níveis de estranheza

Estranheza	Localização	Ações possíveis	
Relacional <i>relational</i>	cotidiana <i>alltäglich</i>	Dentro da própria ordem	Assunção de papel, emulação de ações
	estrutural <i>strukturell</i>	Fora da própria ordem	Aprendizado do código do Outro
Radical <i>radikal</i>	radical <i>radikal</i>	Fora de toda e qualquer ordem	Pura observação de hiper-fenômenos, sem compreensão e interpretação possíveis.

Fonte: Waldenfels (1999)

A partir destas considerações, será feito um levantamento da *Fremdheit* a partir da narrativa “Shakespeare no meio do mato”, de Laura Bohannon.

2 “SHAKESPEARE NO MEIO DO MATO” E OS GRAUS DE ESTRANHEZA

Esta narrativa, traduzida por Lenita Rimoli Esteves e Francis Aubert e publicada em 2008, servirá aqui de base para a aplicação dos graus de estranheza propostos por Waldenfels (1999). A história é uma ficção criada pela antropóloga Laura Bohannon nos anos 1950 com base em suas observações durante

o período de permanência junto à tribo dos Tiv, na África Ocidental. Para os tradutores, que comentam o contexto de surgimento do texto em questão, este texto é um ótimo exemplo para ilustrar o contato com a alteridade, pois é justamente nas relações interculturais e por meio do diálogo (ou na falta deste) que se aprende tanto sobre o Outro, quanto também sobre si próprio. A concepção de mundo é um fruto derivado de experiências ancoradas na realidade que um indivíduo detém, desconstruindo a ideia de um universalismo que é primeiramente proposto: “Protestei que a natureza humana é praticamente a mesma em todo o mundo [...]” (ESTEVES; AUBERT, 2008, p. 141). A partir desta afirmação, presume-se que haveria a existência de um segmento supra-cultural que abarcaria o que ela chama de natureza humana – possivelmente uma essência que uniria todos os seres humanos, independente da cultura na qual estão inseridos. No entanto, esta visão é refutada com o decorrer do texto, dado que a natureza humana é um construto sócio-histórico, ou seja, da cultura na qual ela se encontra, assim como é também o caso da cultura dos Tiv, que, como se evidencia no final da narrativa, também partem do princípio de que a natureza humana é única. Esteves e Aubert (2008, p. 136) apontam para uma “cegueira”:

Toda a delícia da história está no fato de pessoas de contextos tão diferentes, apesar de não se entenderem perfeitamente, suporem que ‘as pessoas no mundo são iguais’, e que, apesar de diferenças pontuais, as grandes questões são sempre as mesmas para a humanidade. No entanto, essa concordância nasce de uma cegueira, de uma incapacidade de ver o outro como outro.

O texto aqui utilizado faz uso da comunicação para estipular as barreiras da comunicabilidade. A comunicação subjaz às funções da linguagem, tal como foram concebidas pelo formalista russo Roman Jakobson, e é formada, entre outras, pela função referencial, que diz respeito às referências às quais o indivíduo produtor de uma mensagem tem acesso. Esta função está intimamente ligada à composição de mundo de um determinado indivíduo. Esta percepção de mundo é baseada em uma visão limitada e baseada em experiências anteriores. Elementos que fogem deste campo de visão caracterizam, portanto, uma estranheza.

Conforme explanado anteriormente, Waldenfels (1999) propõe a categorização do conceito de estranheza em estranheza cotidiana, estrutural e radical. Estes graus se distinguem de acordo com a intensidade de sua inacessibilidade.

No que diz respeito ao grau mais baixo de estranheza, a estranheza cotidiana, encontramos elementos que se localizam dentro da própria ordem do indivíduo, ou seja, dentro de um horizonte de familiaridade. Citamos aqui alguns exemplos encontrados na narrativa de Bohannan (ESTEVES; AUBERT, 2008).

Quadro 2 - Exemplos de estranheza cotidiana

1.	“[...] a colheita, que acontecia logo antes da cheia dos pântanos, e a formação de novas roças, quando a água baixava.” (p.142)
2.	“As mulheres faziam cerveja a partir de milho e sorgo. Homens, mulheres e crianças ficavam sentados em suas colinas bebendo a cerveja. / As pessoas começavam a beber ao nascer do sol. Pelo meio da manhã, toda a aldeia estava cantando, dançando e tocando tambores; quando chovia, as pessoas tinham que ficar dentro de suas cabanas: ali bebiam e cantavam ou bebiam e contavam histórias.” (p.142)

No exemplo 1, são constatadas informações topográficas que dizem respeito à região onde a tribo dos Tiv se encontra. Trata-se de uma referência espacial diferente, com uma manifestação que pode ser compreendida e, tal como Waldenfels (1999, p. 36) afirma, não causa alterações na percepção de mundo ou mesmo no estilo de vida do indivíduo. O exemplo 2 evidencia hábitos que a comunidade tem com relação à cerveja. Bohannon simplesmente descreve estes costumes, que por sua vez, também não forçam uma tentativa de compreensão. Elementos, como a forma com a qual a cerveja é produzida, assim como as atividades paralelas, caracterizam o cotidiano desta cultura. Apesar de destoantes, eles não fogem do horizonte interpretativo da antropóloga.

Waldenfels denomina o grau intermediário de estranheza como *estrutural*, dado que ele se manifesta fora da ordem de compreensão e interpretação do indivíduo, sendo necessária, portanto, sua aprendizagem. No quadro 3, podem ser encontrados alguns exemplos desta estranheza:

Quadro 3 - Exemplos de estranheza estrutural

3.	“Eu aceitei uma cabaça grande cheia de cerveja, despejei um pouco numa pequena cuia, e tomei numa talagada. Em seguida despejei mais um pouco na mesma cuia para o homem que só não era mais velho que meu anfitrião, antes de entregar a cabaça a um jovem para que os outros se servissem. Pessoas importantes não deveriam elas mesmas servir cerveja.” (p.143)
4.	“Contar histórias era uma arte refinada entre eles; seus padrões eram altos e a plateia era crítica – e verbalizava suas críticas. [...] / Comecei no estilo adequado. / -Não ontem, não ontem, mas muito tempo atrás, aconteceu uma coisa.” (p.144-145)
5.	“[...] em nossa terra [...] o irmão mais novo se casa com a viúva do irmão mais velho e se torna pai de seus filhos. Agora, se seu tio, que se casou com sua mãe viúva, é plenamente irmão de seu pai, então ele será um verdadeiro pai para você.” (p.146)
6.	“-Ele não tinha outras esposas – disse-lhe eu. / -Mas um chefe precisa ter muitas esposas! Como então ele pode fazer cerveja e preparar comida para todos os seus convidados?” (p.147)
7.	“-Ela gritou amedrontada e Polônio se mexeu atrás do pano. Gritando ‘um rato!’, Hamlet pegou seu facão e golpeou o pano. [...] / -Ele matou Polônio. / Os anciãos se entreolharam com ar de extrema desaprovação. – Esse Polônio era realmente um tolo e um homem que não sabia de nada! Que criança não gritaria, ‘Sou eu!’? / Aflita, lembrei que aquele povo era de entusiasmados caçadores, sempre com arco, flecha e facão em punho; ao mais leve farfalhar do capim, uma flecha já é colocada a postos, e o caçador grita ‘caça!’. Se nenhuma voz humana responde imediatamente, a flecha é disparada. Como um bom caçador, Hamlet gritara, ‘um rato!’” (p.154)
8.	“Se o irmão de seu pai matou seu pai, você deve apelar para os companheiros de idade de seu pai; <i>eles</i> podem vingá-lo. Nenhum homem pode fazer uso de violência contra seus parentes mais velhos” (p.155)

A estranheza estrutural é caracterizada por formas diferentes de organização da vida e requerem uma mudança das próprias ações por parte daqueles que querem se adaptar e/ou serem aceitos por um determinado grupo. Os exemplos 3, 5, 6 e 8 acima refletem as formas de relação interpessoais dentro da comunidade dos Tiv, que se diferem daquelas presentes nas sociedades ocidentais. Apesar da pressuposição da figura do idoso como detentor de uma sabedoria, percebe-se que o elemento da idade é visto pelos Tiv da narrativa de uma forma diferente, dado que é parte de um conjunto de regras que permeiam a forma de funcionamento do povo, seja no oferecimento de cerveja, seja na vingança. Outro elemento das relações interpessoais é a estrutura da família, assim como a transferência do papel paterno, elementos estes que, na sociedade da qual Bohannon provém, se manifestam de for-

ma diferente. Com relação ao exemplo 4, a autora cita a tradição de contar histórias como de suma importância para os Tiv, onde ela faz uso de uma forma *adequada* que ela aprendeu anteriormente. Trata-se do correspondente ao “era uma vez”, “*once upon a time*” (inglês), “*es war einmal*” (alemão) etc. que introduzem uma narrativa. Com relação ao exemplo 7, é evidente que a realidade na qual um indivíduo – uma cultura, em caso coletivo – exerce uma forte influência sobre a forma de comportamento e ação. Os Tiv, que dependem da caça para obtenção de alimento, fazem uso de determinadas estratégias que não são presentes no contexto do qual Bohannan provém, cabendo a ela, portanto, a aprender esta forma de manifestação cultural que lhe é *a priori* estranha.

No entanto, aprendizado não é o bastante para compreender o terceiro e máximo grau de estranheza, que Waldenfels denomina *estranheza radical*. Diante de um elemento radicalmente estranho, toda e qualquer forma de interpretação se mostra como insuficiente, dado que seu acesso direto é impossível. Este grau de estranheza está ligado a um princípio de inacessibilidade total, de indisponibilidade. Esta estranheza se arrasta por todas as dimensões do campo de visão e capacidade de integração e compreensão, permanecendo inacessível e irreduzível. Segundo Waldenfels, fenômenos que estão ligados a um limiar entre consciência e subconsciência, vida e morte, realidade e fantasia, são hiperfenômenos que se desprendem de toda e qualquer compreensão, restando somente a observação e a aceitação desta manifestação como única e distinta. Na narrativa de Bohannan, podemos encontrar algumas ocorrências deste grau de estranheza:

Quadro 4 - Exemplos de estranheza radical

9.	“[...] Hamlet seguiu o pai morto até um canto. Quando ficaram a sós, o pai morto de Hamlet falou. / -Presságios não falam! – o velho foi enfático. / - O pai morto de Hamlet não era um presságio. Vê-lo pode ter sido um presságio, mas ele não era. / Havia a mesma confusão no rosto da plateia e na minha voz. – Ele era o pai morto de Hamlet. Era o que chamamos de ‘espectro’ -. Eu tive que usar uma palavra na minha língua porque, diferentemente das muitas tribos vizinhas, esse povo não acreditava que nenhuma parte da personalidade individual pudesse viver além da morte. / - O que é um ‘espectro’? Um presságio? / - Não, um ‘espectro’ é alguém que morreu mas anda por aí e pode falar, e pessoas podem ouvi-lo e vê-lo, mas não podem tocá-lo. / Eles objetaram: / - Os zumbis podem ser tocados. / - Não, não! Não era um corpo morto que as bruxas tinham animado para sacrificar e comer. Nenhuma outra pessoa fez o pai morto de Hamlet andar. Ele fez isso sozinho. / - Os mortos não andam – protestou minha plateia, em uníssono. / Eu estava disposta a transigir. – Um ‘espectro’ é a sombra de um homem morto. / Mas eles objetaram mais uma vez. – Os mortos não têm sombra. / - Na minha terra eles têm – respondi seco. (p.148-149)
10.	Polônio, entretanto, insistia que Hamlet estava louco porque havia sido proibido de ver Ofélia, a quem ele amava. / - Por quê? – perguntou uma voz perplexa. – Alguém enfeitiçaria Hamlet por causa disso? / - Enfeitiçaria Hamlet? / - É, só um feitiço pode enlouquecer alguém. A não ser, é claro, que a pessoa veja os seres que espreitam na floresta. / [...] Enquanto eles falavam e eu tomava notas, eu tentava calcular o efeito desse novo fator no enredo. Hamlet não tinha sido exposto aos seres que espreitam na floresta. Apenas seus parentes da linhagem masculina poderiam enfeitiçá-lo.” (p. 151-152)

No exemplo 9, o tema da morte, assim como sua posterior (in)existência, é colocada em questão. Para as culturas das quais Bohannan e Shakespeare provém, a existência de vida após a morte é dada como possível, sendo verossímil em um contexto literário o contato do filho com o pai morto, este

último que aparece em forma espectral. Esta forma de percepção acerca da morte não é compartilhada pelos Tiv, dado que eles desconhecem o conceito cunhado de “espectro”. Esta divisão limítrofe entre vida, morte e pós-morte é considerada como dentro de uma estranheza radical, dado que as formas de acesso são impossíveis, restando a pura observação e constatação de que na “minha terra” (leia-se “minha concepção de realidade”), os mortos podem (ou não) andar, conversar e exercer ações que influenciem os vivos.

O exemplo 10 traz à tona a questão da loucura. Nas sociedades ocidentais, principalmente com os estudos psicanalíticos, a loucura e a insanidade são consideradas como comportamentos divergentes daqueles propostos por um grupo social, ao passo que para a cultura dos Tiv, a loucura seria fruto de influências externas (feitiçaria ou “os seres que espreitam na floresta”). A forma de concepção da insanidade é também vista como um hiperfenômeno que é explicado de formas diferentes, porém se destitui de uma forma de acesso direto que o justifique.

3 CONSIDERAÇÕES GERAIS

De forma resumida, a alteridade se revela como uma complexa discussão presente em diversas áreas do conhecimento humano. Fortemente ligada à psicanálise freudiana, a classificação proposta por Waldenfels retoma parte do conceito de desautomatização da percepção proposto pelos formalistas russos. Assim, o Outro não é visto como uma entidade antagonizante de Si mesmo, e sim complementar, podendo definir o papel do Eu no mundo, posicionando-o de tal forma que ele possa observar (limitadamente) a realidade a sua volta. Ao estabelecer o contato com o Outro, o Eu expande seu horizonte e procura compreendê-lo, porém esta compreensão nem sempre é internalizada. Essa expansão é considerada por Waldenfels como intimamente ligada a um ideal de acessibilidade. Como demonstramos, a classificação de Waldenfels propõe uma estranheza relacional (dividida eventualmente em estranheza cotidiana e estrutural) e uma estranheza radical, sendo que o critério de diferenciação é a inacessibilidade do Outro, manifestada por meio da perturbação da ordem do indivíduo. Dessa forma, é possível que nos curvemos de modo a cumprimentar alguém (estranheza cotidiana), que aprendamos uma língua estrangeira (estranheza estrutural), porém certas formas de concepção de realidade se mostram completamente inacessíveis (estranheza radical), dado que não podem ser aprendidas, e sim somente observadas, tal como é o caso dos sonhos e do conceito de morte e vida.

Ao propor esta classificação dos graus de estranheza, com os quais um indivíduo pode se deparar, Waldenfels propõe assim um modelo que ressalta de forma ponderada sobre as diferenças existentes, seu aprendizado mútuo e uma forma de ver o Outro que dê margens a uma aceitação da alteridade, mesmo que o Outro se mostre deveras inacessível. De toda forma, para incentivar o diálogo entre os indivíduos – e, em uma macro-estrutura, entre as culturas -, é necessário que haja uma responsividade que surge diante deste contato.

Bernhard Waldenfels' model of foreignness levels, by the example of "Shakespeare in the bush"

Abstract

In a discussion about what is foreign and what is own, the article in hand discusses the classification of the degrees of foreignness, conceived by the philosopher Bernhard Waldenfels (1999). According to him, foreignness is defined by its inaccessibility, which is also expressed in different ways. Although his distinguished position in the contemporary German phenomenological studies, his work is minimally known inside the Brazilian academic circles. Besides a brief discussion about the role of the Self and the Other, this paper intends to show one facet of Waldenfels' studies on alterity, however in an illustrative form. Therefore, Laura Bohannan's narrative "Shakespeare in the bush" shall be used in order to exemplify Waldenfels' degrees of foreignness. The references, which were here used, covers texts in Portuguese and German, being the last ones translated into Portuguese, but the original passages are shown in the footnotes, so that the current discussion becomes more accessible.

Keywords: Bernhard Waldenfels. Degrees of foreignness. *Fremdheit*. Alterity.

REFERÊNCIAS

CHKLOVSKI, Viktor. A Arte como Procedimento. In: TOLEDO, Dionísio (Org.). **Teoria da Literatura: Formalistas Russos**. Porto Alegre: Globo, 1984.

ESTEVES, Lenita; AUBERT, Francis. “Shakespeare in the Bush”: história e tradução. **Tradução & Comunicação**, São Paulo, n. 17, set. 2008. Disponível em: <<http://www.pgsskroton.com.br/seer/index.php/traducom/article/view/2103/2000>>. Acesso em: 04 set. 2017.

LESKOVEC, Andrea. **Einführung in die interkulturelle Literaturwissenschaft**. Darmstadt: WBG, 2011.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

ROSENFELD, Anatol. O teatro como instituto didático. In: _____. **O Teatro Épico**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2010. p. 145-154.

WALDENFELS, Bernhard. **Topographie des Fremden**. Frankfurt: Suhkamp, 1999.

BIOGRAFIA

Bacharel em Letras (Português/Alemão) e mestre em Estudos da Tradução pela Universidade de São Paulo. Atualmente doutorando no programa de Estudos Germanísticos (*Germanistik*) da Technische Universität Dortmund (Alemanha). Foco de pesquisa: tradução, literaturas comparadas e processos culturais.